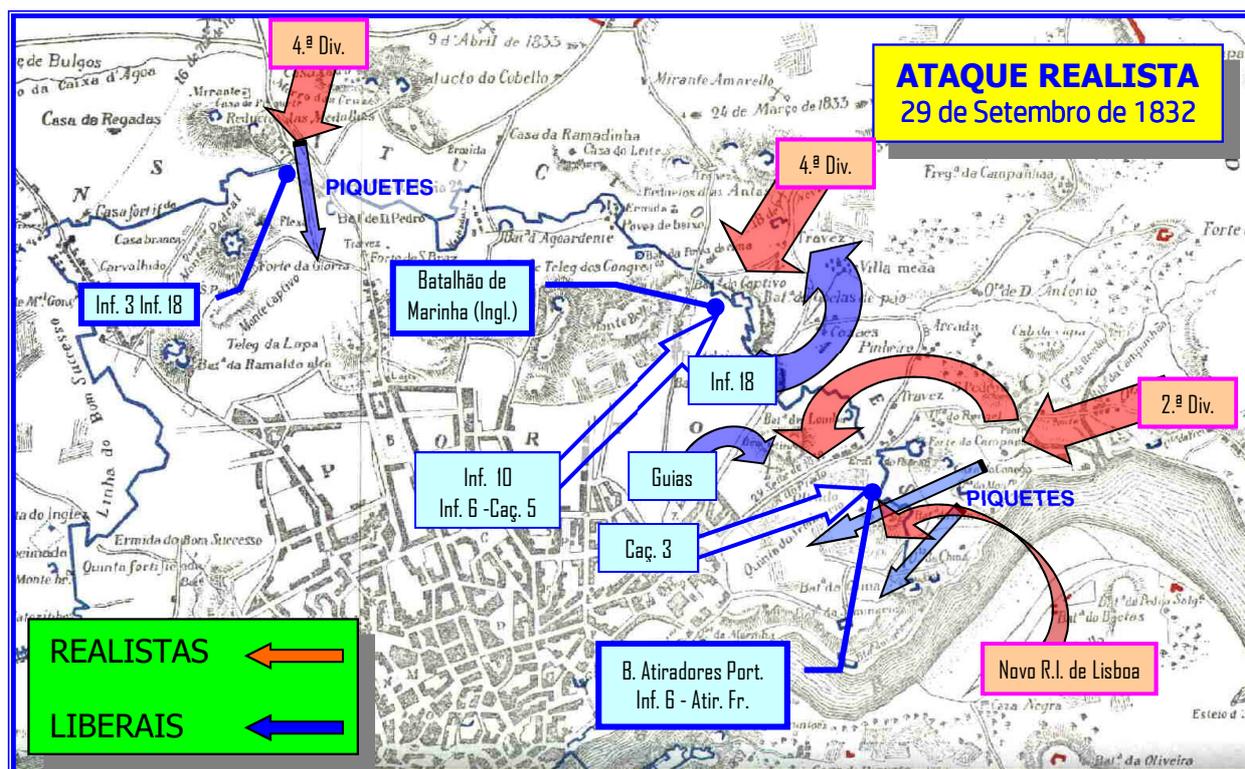


CERCO DO PORTO

A grande ofensiva miguelista de 29 de Setembro de 1832 e a Rua do Heroísmo

Decorridos quase três meses após o desembarque das tropas liberais na praia do Pampelido, a resistência do Exército Liberal começava a tornar-se deveras incómoda para as hostes miguelistas. Graças à mobilização de voluntários e à chegada ao Porto de cerca de um milhar de mercenários estrangeiros, os efectivos das tropas sitiadas atingiam, em Setembro de 1832, cerca de onze mil homens. A chegada de novas tropas e o aparecimento de voluntários civis não colocava grandes problemas de enquadramento. De facto, o Batalhão de Oficiais funcionava como excelente fornecedor de comandantes das novas unidades.

Entretanto, as tropas realistas não haviam conseguido ainda aquela vitória decisiva que há tanto tempo ambicionavam. A aproximação do dia de S. Miguel (29 de Setembro) decidiu o comandante realista, Visconde de Peso da Régua, a desencadear um forte ataque às linhas liberais, com o intuito de celebrar condignamente o dia do santo cujo nome era igual ao do seu soberano. Como seria de esperar em ocasião tão especial, os miguelistas mobilizaram para esta acção abundantes meios humanos e materiais, pensando, talvez, que poderiam obter uma vitória decisiva.



Os primeiros sinais de ataque iminente produziram-se na noite de 28 de Setembro. Para abrir caminho para a artilharia passar, os realistas tiveram de deitar abaixo diversas vedações de pedra. O estrondo causado por essas demolições foram perfeitamente audíveis, na véspera do ataque, no flanco nascente das linhas liberais. Parece, no entanto, que a interpretação desses ruídos não foi a mais conveniente. De facto, ao iniciar-se o ataque realista, entre as seis e as sete da manhã de 29 de Setembro, as tropas liberais que defendiam

o sector de Campanhã – Batalhão de Atiradores Portugueses, 1.º batalhão de Infantaria 6 e alguns reforços de atiradores franceses – pareceram algo desprevenidas e logo de início tiveram que recuar algo desordenadamente. As tropas realistas lograram, mesmo, entrar em algumas ruas da cidade – designadamente na zona situada entre Campanhã e o Prado do Repouso –, de onde haveriam de ser expulsas graças aos contra-ataques das reservas liberais. Os combates nesse local foram particularmente violentos, tendo-se produzido, de ambos os lados em confronto, diversos actos do maior heroísmo. Daí que a Rua do Prado fosse, mais tarde, rebaptizada de *Rua 29 de Setembro*, e, posteriormente, de *Rua do Heroísmo*.



Perspectiva actual do terreno por onde foi desencadeado o ataque principal do exército miguelista (Freixo)

No entanto, a perda de posições por parte dos realistas não se deveu, exclusivamente, às arremetidas dos liberais. Um equívoco fortuito – de que a história militar está plena de exemplos – viria a contribuir, decisivamente, para o insucesso da ofensiva do dia de S. Miguel. Quando a situação no sector oriental da cidade estava mais favorável aos realistas, o comando deste partido, com a louvável intenção de explorar o sucesso até aí obtido, resolveu enviar de Gaia para o Porto (alturas do Bonfim-Campanhã) o 2.º batalhão do Novo Regimento de Infantaria de Lisboa. Ora sucedia que esta nova unidade do exército miguelista fora fornecida de novos uniformes e equipamentos chamados, na época, à *francesa*. Entre os adereços que mais davam nas vistas, os novos uniformes incluíam uma chapa de grandes dimensões no topo frontal da barretina. Essa chapa, reflectindo a luz do sol, tornava-se, portanto, facilmente identificável, mesmo a grande distância. Na maioria das tropas realistas, no entanto, a barretina então em uso ainda era a que Beresford trouxera de Inglaterra quando das invasões francesas. Assim, não é de todo surpreendente que as próprias tropas miguelistas, ao verem manobrar a unidade com uniformes diferentes do habitual, supusessem tratar-se de uma força francesa, ao serviço de D. Pedro, que se preparava para lhes cortar o regresso às linhas. Estabelecida a confusão, a unidade miguelista, pseudo-ameaçada pelo aparecimento dos falsos “franceses”, resolve abrir caminho, a tiro, sobre a Infantaria de Lisboa que, logo nos primeiros momentos de combate, perde 39 homens, entre mortos e feridos. Este espantoso equívoco foi, naturalmente, aproveitado pelos liberais para reconstituir a defesa, tirando partido da desorientação que lavrava no campo do adversário.

Enquanto a parte mais importante do ataque tinha lugar na extremidade oriental da defesa liberal, outros dois ataques eram levados a cabo: uma coluna proveniente da altura das Antas atacou a linha liberal junto à bateria do Cativo; outra coluna, marchando de norte, tentou romper o dispositivo liberal por alturas do forte de Monte Pedral.

Destes dois ataques, o mais intenso seria o que se abateu sobre o sector do Cativo, Bonfim e Fojo, defendido por companhias de Infantaria 18 e do Batalhão de Marinha. Tal como sucedera no sector de Campanhã, os liberais não lograram resistir muito tempo à investida realista, sendo obrigados a abandonar as suas posições iniciais aos atacantes. Antes que os realistas consolidassem as posições conquistadas, o coronel de cavalaria João Nepomuceno de Macedo, comandante do Corpo de Guias, cujas forças constituíam pequena reserva no largo do Bonfim, observando o movimento do inimigo, carregou com 25 guias contra uma força estimada entre 300 a 400 homens, conseguindo pô-los em debandada. Este contra-ataque não seria suficiente, no entanto, para desalojar os realistas que se haviam apoderado da bateria da Lomba. Seria uma força mista de Infantaria 6 e do 2.º Batalhão Fixo de Voluntários Nacionais que, sob o comando do Brigadeiro Valdez, haveria de reconquistar a posse da referida bateria, após uma acção de envolvimento conduzida a partir da estrada de S. Cosme.



Brigadeiro José Travassos Valdez (depois Conde do Bonfim)

Pelas três e meia da tarde, a maior parte das posições liberais haviam sido reocupadas pelos sitiados. A última acção do dia destinou-se a desalojar a força realista que se havia fixado na baixa defronte ao Cativo. Participaram nesse combate companhias de Infantaria 6 e 10, do Batalhão de Marinha e de Caçadores 5, tudo sob o comando do tenente-coronel Pacheco, de Infantaria 10.

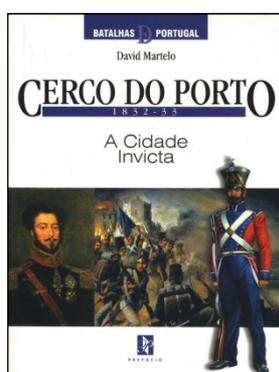


Visconde do Peso da Régua

Às cinco horas da tarde, todas as unidades realistas haviam recolhido às suas linhas. No seu cômputo geral, o ataque havia sido um claro insucesso e as baixas haviam sido elevadas. Só nos oficiais, entre mortos e feridos contavam-se 117, o que dava uma percentagem muito alta para os efectivos empenhados. O Visconde do Peso da Régua, no relatório oficial da operação, explicaria o malogro do ataque com a grande fortaleza das linhas liberais e com o acidentado do terreno que, naturalmente, beneficiava quem defendia.

Mal refeitos do insucesso, as forças sitiadas como que emudeceram durante cerca de três semanas, dando aos liberais uma moralizadora trégua e mais oportunidades para aprimorarem os seus sistemas de defesa.

David Martelo – 2000



Leitura complementar